

Rente ao chão do texto » Eliane Jacqueline Mattalia

Resumo O artigo sinaliza a importância da fidedignidade do texto literário e a necessária atenção aos originais, tangenciando pontos teóricos de gênese textual ou arqueologia do texto a propósito de *Infância* de Graciliano Ramos.

Palavras-chave Graciliano Ramos » Problemas de edição » Manuscritos e edições

Abstract *This article shows the importance of the fidelity to literary texts and the necessary attention to the originals. It touches theoretical points of the text genesis or the text archeology on the context of Childhood, by Graciliano Ramos*

Key words *Graciliano Ramos » editing problems » manuscripts and editions.*

“Bebo água de todo rio”, refresca-se Riobaldo¹; mas, na confluência das águas, a crítica nem sempre bebe de boas fontes, nem sempre se baseia em textos fidedignos.

Exemplo de conjunção infeliz é o poema “Áporo” de Carlos Drummond de Andrade que aparece, em certa versão impressa, na leitura de Luiz Costa Lima: “Um inseto cava,/ cava sem alarme/ *perfumando* a terra/ sem achar escape” E, em *Lira e antilira* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 188), o ilustre crítico viaja com inocência: “A escavação do inseto *perfuma* a terra, mas a escava sem perfurar, *sem achar escape*.” (O sublinhado é nosso.) O original de Drummond, no entanto, dizia *perfurando*, “Um inseto cava,/ cava sem alarme/ perfurando a terra/ sem achar escape”... Em 1995, apresenta-se este texto no comentário.²

Graciliano Ramos, ele próprio jovem revisor em sua primeira estada no Rio de Janeiro, pragueja bem-humorado: “É o diabo!”

Mas eu me quero referir apenas àquilo que levemente se introduz nos artigos que um desgraçado escreve.

Como todas aquelas tentações — o belo tipo, as entrelinhas, os grifos, o papel de uma brancura que acaricia a vista — se tornam feias com a introdução do termo funesto! [...]

E tudo por causa da simples troca de uma letra modesta, coisa que parece insignificante, mas que tem o poder de transformar as palhas em pulhas, as hastes em hostes, os corpos em cornos.[...]

É o diabo!

E o senhor também rabisca para a imprensa, hein?

Vou jurar que tem tido suores frios e tem chorado muitas vezes.

(*Paraíba do Sul*, 27.5.1915.)³

Próximo ao lançamento, pela Record, da reedição das obras de Graciliano, em 1976, Adriano da Gama Kury envia ao *Jornal do Brasil*, carta⁴ advertindo sobre as edições da Martins (de 1960 a 1975), que haviam introduzido erros no texto, entre outros, de concordância. Uma agressão ao prosador impecável, que tanto buscou a expressão justa, traço de estilo. Ou, para citar outra crônica de juventude, “um coice à sua memória”⁵.

Pouco depois, em 1978, Valentim Facioli protesta contra a má qualidade editorial da obra, mencionando as edições da Martins e da Record (“Reescreveram Graciliano”⁶). Com o argumento de oferecer um exemplar a preço mais acessível,

1 ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 10.

2 *Lira e antilira*. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

3 *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962. Primeira parte, crônica x, p. 35.

4 Arquivo GR-IEB-USP, Série Recortes, Fortuna Crítica, Caixa 5, s.d. [1976? O contrato com a Record é de outubro de 1975.]

5 “[...] um coice à memória de Eça” — indigna-se ele, com a destruição em Lisboa da estátua da Verdade, em homenagem a Eça de Queirós: “monumento que era um primor de escultura” a “Verdade, velada pelo manto diáfano da fantasia” *Jornal de Alagoas*, mar. 1915.

Em: RAMOS, G. *Linhas tortas*, ed. cit., crônica III, p. 14-7.

6 *Folha de São Paulo*,
3.2.1978, p. 61.

7 13 vols. São Paulo:
Record, 1992.

8 “Amaro vaqueiro,
caboclo triste, encou-
rado num gibão roto;
sinha Leopoldina, com-
panheira dele, vistosa
na chita cor de san-
gue; mulheres que
fumavam cachimbo.”

Infância. Rio de
Janeiro: José Olympio,
1945. (Nuvens, § 12.)

[O acento também se
percebe, por exemplo,
no ritmo e nas rimas
desta composição po-
pular: “*Sinha Mari-
quinha/ Mariquinha
tinha/ sua velha casi-
nha/ nos tempos do
amor// E a ventania/
por riba da serra/
pegou a casinha/ e
escangalhou...*”]

9 1ª ed. Rio de Janeiro:
José Olympio, 1944.

Sucedem também “*sinha
dona*” em *Histórias de
Alexandre* (“Um papa-
gaio falador”) e *Infân-
cia* (“Venta-Romba”).

10 *A terra dos meninos*

ou simplesmente obedecendo à pressa “do mercado” (*São Bernardo* teve “17 edições em apenas oito anos”), descuidam-se do texto: erros gritantes na 29ª edição de *São Bernardo* sugerem que se recolha “o monstrengo” com salto de parágrafos e outras falhas. Para proteger o leitor que afinal merecia um texto minimamente fidedigno.

Em 1992, em comemoração ao centenário do escritor, muito se corrigiu: a Coleção Graciliano Ramos⁷, reedição do conjunto de obra, apresenta de fato texto bastante melhorado em relação às edições anteriores, ainda que não cem por cento confiável.

Entre os melhores acertos, finalmente a acentuação correta: *sinha* Vitória e não *sinhá*. O paroxítono *sinha*, axiônimo tradicional popular no Nordeste, reverência em linguagem doméstica para a mulher do povo (como *sinha Leopoldina* em *Infância*⁸, *sinha Tertã* em *Histórias de Alexandre*⁹, *sinha Guariba* e *sinha Rã* em *A terra dos meninos pelados*¹⁰) — e não o oxítono *sinhá*, “tratamento dado pelos escravos à sua senhora”, à patroa¹¹.

A Coleção da Record corrige bem, ainda, em *Linhas tortas*, obra póstuma: “a mentira é filha da [vacilação]”¹². O correto, “a mentira é filha da CAVILAÇÃO” palavra provavelmente desconhecida pelo revisor da Martins, que a substitui pelo termo conhecido.

No entanto, *Linhas tortas* permanece com diversos problemas de edição; por exemplo, o “empastelamento” dos nomes dos criados exemplares Passepartout e Conseil, que aparecem deslocados.¹³

(O primeiro criado, personagem de Jules Verne.)

Uma parte dos problemas de revisão, no entanto, vem das últimas edições da José Olympio (1952 em diante). Os revisores nunca são infalíveis. Mas, reconhecermos nossos erros, retificando-os, em nada nos diminui. As rasuras necessárias são, às vezes, lição de humildade no manuscrito de um grande escritor, que risca e reescreve, corrigindo-se quantas vezes for preciso. A repetição em série do erro é que em nada valoriza nossos produtos literários, frutos de tanto trabalho humano. E talvez aqui só repisemos o óbvio. Erros de revisão aceitos como texto são fato, porém, tão comum que talvez o presente artigo assim se justifique. Especialmente porque a pesquisa universitária tem papel relevante diante de nossa relativa pobreza editorial.

Queremos ainda uma vez defender os estudos pacientes de originais, o que pareceria acenar para a solução de tais problemas aparentemente tão rasos, dos

quais selecionamos apenas alguns rápidos, pequenos exemplos. Só então, num segundo momento, poderíamos pretender que originais manuscritos representassem uma nova possibilidade de acesso à literatura, condições materiais novas; que favorecessem uma percepção diferente, aberta ao inesperado subsolo da criação literária, rios subterrâneos de textos, dimensão outra do trabalho de um escritor. Apoio sedimentado para possíveis vãos interpretativos.

Somos sapateiros, apenas [...] e ficamos na tripeça, cosendo, batendo, grudando.
[“Os sapateiros da literatura”¹⁴]

A odisséia de se pretender um texto fidedigno, especialmente no Brasil — onde nossas “tarefas são outras e mais urgentes” conforme conclama Carpeaux¹⁵, onde livros são considerados quase desnecessários, chegamos à era da multimídia sem que boa parte da população tenha chegado sequer ao alfabeto — é digna de menção. Ainda assim, mesmo nos meios acadêmicos, trabalhos com fontes primárias continuam pouco valorizados. Tal pesquisa parece às vezes atividade subalterna, os faxineiros da literatura.

Sobre tal importância, e rapidamente, gostaríamos de apenas lembrar de passagem uma defesa de tese na qual ninguém percebera a linha repetida, o *empastelamento*, no texto discutido — pois o trecho era gramaticalmente aceitável, correto — a não ser certo pesquisador obstinado presente, que encontrara — depois de anos de pesquisa — a linha perseguida! trazendo à tona o texto original.

A busca por documentos em bibliotecas e arquivos, muitas vezes em situação calamitosa¹⁶, depósitos empoeirados com prateleiras de “coleções inativas”, caixas e pacotes de conteúdo desordenado, cujo acesso se perde, em parte extraviado — não deixa de ser uma nobre missão. Constitui tarefa imprescindível recuperar cuidadosa e permanentemente documentos para edição; corrigir muitas vezes edições que deturpam informações, coroadas pela crítica. Os resultados de uma investigação dessas fontes quase sempre surpreendem, superando as expectativas.

Bela contribuição, por exemplo, de Nádia R. M. C. Bumirgh, em sua oportuna “Proposta para uma edição crítica de *São Bernardo*” um capítulo do romance, anterior à primeira edição de 1934, publicado na revista *Momento*, documentos inéditos — e a seguinte pérola: no início do capítulo xxiv de *São Bernardo*, onde se lia: “Pancada em D. Glória também, que tinha gasto anos trabalhando como cavalo para criar aquela *sobrinha*” — conforme a pesquisadora

pelados. 24^a ed. São Paulo: Record, 2000.
1^a ed. Porto Alegre: Globo, 1939.

II FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

[Feminino de “sinhô”, “corruptela” de senhor. Como no romance do baiano Afrânio Peixoto, *Sinhazinha*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1929. Como na peça do gaúcho Ernani Fornari (1899-1964): *Sinhá moça chorou...* São Paulo: Martins, 1940.]

12 *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962, crônica II de “Traços a esmo”. p. 56.

13 Crônica XII, 17.6.1915, em *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962, p. 40.
[Na ed. Record, p. 38.]

14 “Somos sapateiros, apenas. Quando, há alguns anos, desco-

nhecidos, encolhidos e magros, descemos das nossas terras miseráveis, éramos retirantes, os flagelados da literatura. Tomamos o costume de arrastar os pés no asfalto, freqüentamos as livrarias e os jornais, arranjamos por aí ocupações precárias e ficamos na tripeça, cosendo, batendo, grudando.” RAMOS, G. “Os sapateiros da literatura”, em *Linhas tortas*, op. cit.

15 “A literatura e os alfabetizados”. In: *Reflexo e realidade*. Rio de Janeiro: Fontana, 1976.

16 Desafiamos o leitor a consultar uma coleção de jornais no arquivo público de Alagoas, por exemplo. 17 BUMIRGH, Nádia Regina Marques Coelho. *Proposta para uma edição crítica de São Bernardo de Graciliano Ramos*. São Paulo,

esclarece, leia-se *cobrinha*.” Paulo Honório, ainda mais furioso com Madalena, a esta assim se refere, conforme nota: “Até a 3ª ed., última revisada por GR, encontramos o termo *cobrinha* e não *sobrinha*, como aparece a partir da 4ª edição. Este erro tipográfico ou de revisão perpetuou-se até os nossos dias.”¹⁷

Há outras falhas miúdas, embora este pequeno artigo não pretenda nem de longe ser exaustivo.

No primeiro capítulo de *Memórias do cárcere*, obra póstuma¹⁸, primeira parte, Viagens, sexto parágrafo. Impresso *não* em lugar de *nos*. Corrijamos:

[...] Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e *nos* dão hoje impressão de realidade. [...]¹⁹

Infância (esboço de edição): nota da pesquisa ou dos rios subterrâneos

Em *Infância*, também: as sertanejas não embriagavam seus filhos à noite “com uma *garrafa*”, mas “com uma *garapa* de vinho forte”. O revisor quis pretensamente corrigir uma *garapa* que não fosse de cana... O erro tipográfico — garrafa — cometido na 2ª edição²⁰, p. 36 — compromete várias edições subseqüentes (até uma recente, vendida em bancas de jornal, encadernação azul²¹). Graciliano também *não* escreveu o que vem impresso em todas as edições de *Infância*, desde a 2ª edição, no capítulo Cegueira: “Acomodava-se a epopéia à *cantiga*.”

Graciliano escreveu (e, doente, no final de 1952, com certeza não fez revisão):

Acomodava-se a epopéia à *catinga*.// Mestre piloto, Onde está o seu juízo?! Por causa de sua *cachaça*! Todos nós estamos perdidos.

Essa permuta de uma letra durante o processo de edição interfere profundamente no universo semântico; o fato, o “acomodar da epopéia à *catinga*” que se refere à marujada, antecipa as narrativas de Padre Pimentel no capítulo Um intervalo, em que, no imaginário do menino, Canaã, *terra de leite e mel*, associa-se aos engenhos de cana-de-açúcar.

Tendo procurado trazer para o centro da discussão o cuidado com os originais, com a idoneidade do texto, passamos agora a mencionar algum resultado da pesquisa de fontes primárias²² realizada basicamente no Instituto de Estudos Brasileiros da USP — no qual o Arquivo Graciliano Ramos permite ao pesquisador conhecer um pouco a história da escrita do conjunto de obra de Graciliano,

registrada nos manuscritos e nas publicações dispersas; a série Recortes permite conhecer algo da repercussão da obra no tempo.

Reconstituindo o percurso de composição de *Infância*, primeira “autobiografia ficcional” do autor de *Vidas secas*, nosso estudo procurou surpreender — em meio à intrincada documentação — momentos e aspectos importantes daquela gênese textual. Investigaram-se assim, nos documentos (autógrafos, datilografados, impressos), vestígios de um processo estético-literário, caminhos e atalhos da composição.

Infância constitui um longo trabalho de escrita, cuja análise traria proveito, a nosso ver, contribuindo quem sabe para outras abordagens de Graciliano, baseadas naquela documentação até então inexplorada.

Nossa pesquisa tencionou mostrar também que o processo através do qual uma grande obra se ergue talvez mereça tanta atenção quanto a obra final, editada. É o que aprendemos com Almuth Grésillon:

Os manuscritos são o suporte sobre o qual a beleza de um texto é progressivamente promovida à existência. [...] essa reconstrução científica de um dinamismo extinto, esse *tornar-se obra* merecem atenção.²³

Procuramos, enfim, traçar, com base em manuscritos, recortes, provas e edições, uma hipótese sobre a elaboração problemática e bela de *Infância*, sobre o itinerário dessa produção literária.

O esforço de investigar pormenores em documentos autógrafos pretendeu, ainda, trazer à tona alguma nova informação sobre a concepção de escrita por parte de Graciliano Ramos — ou quem sabe pretendeu apenas, mais modestamente, confirmar aquilo que parte da crítica afirma há tempo sobre o escritor cujos procedimentos estilísticos, na pesquisa, seriam apontados de maneira um pouco mais palpável, talvez, documentalmente, em detalhe.

Nosso estudo constituiu, portanto, lenta pesquisa, decifração, transcrição, co-tejo, análise, interpretação dos vários escritos que se transformaram em capítulos de *Infância*. Os documentos, numerosos, densos, eram basicamente autógrafos, 300 páginas, cópias datilografadas com intervenções autógrafas, mais 32 publicações na imprensa de textos avulsos; além de três provas tipográficas e de um exemplar da 1ª edição, de 1945, estes últimos corrigidos de próprio punho.

Tal trabalho com manuscritos exige paciência e humildade, uma vez desperdada nossa paixão. O objeto da paixão é objeto de conhecimento. E como a paixão

1998. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — FFLCH-USP, p. 261.
- 18 Publicada meio às pressas para, em outubro de 1953, comemorar os 61 anos do escritor falecido em março daquele ano.
- 19 *Memórias do cárcere*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 10. [USAMOS CAIXA-ALTA para as substituições.]
- 20 *Infância* (memórias). Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- 21 *Infância*. São Paulo: Record/Altaya, 1995. (Mestres da Literatura Contemporânea.)
- 22 *Infância* de Graciliano Ramos: gênese textual, trabalho estilístico (esboço de edição). São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — FFLCH-USP.
- 23 GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994, p. 206. As

às vezes ofusca, cega, também nos ocorreram preocupações éticas no lidar com manuscritos. “[...] o manuscrito é sempre um documento escrito para si mesmo, não destinado em princípio ao olhar externo” escreve Jean-Louis Lebrave; “documentos de gênese não são escritos públicos”.²⁴

A investigação de papéis pessoais, conservados pelo escritor e por sua família invade, postumamente, uma privacidade: adentra o espaço de uma intimidade, universo pessoal da criação — tudo isso para *pilhagem* de algumas informações que o autor na época não trouxe a público.

Quem pesquisa manuscritos deve, como qualquer outro profissional, tomar alguns cuidados éticos, pois a pesquisa lê aquilo que o escritor não quis que fosse publicado, riscando, anulando, tornando muitas vezes ilegível.

Confiamos, porém, no valor dessa leitura que focaliza, por outro ângulo, o paciente trabalho de invenção literária de alguém cuja obra é patrimônio público. O estudo dos documentos em sua materialidade só faz expandir a contribuição desse artífice ou artesão.

A letra, os sinais inscritos no papel evocam, de maneira singular, quem os produziu. “Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (Walter Benjamin, “O narrador” — Trecho 19).

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria-prima — a vida humana — não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria a sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência — a sua e a dos outros — transformando-a num produto sólido, útil e único?²⁵

Descrevendo os manuscritos em sua materialidade, identificando campanhas de escrita, etapas de redação, reformulação de períodos, procuramos iluminar por dentro o trabalho expressivo, literário: que critérios norteiam as emendas? qual a poética subjacente àquela prosa?

Numa concepção clara e didática, democrática, dos estudos de manuscritos e da gênese textual, Almuth Grésillon afirma que, nos manuscritos, no fundo, o que buscamos é conhecer “como foi escrita uma obra amada” O trabalho em processo, de Graciliano Ramos, neste caso, seria exemplar.

Mas o pesquisador precisaria fazer de seu objeto — o manuscrito literário — um documento e não um monumento. É uma importante lição de Le Goff em “Documento/monumento”²⁶.

traduções do francês são de nossa responsabilidade.
24 “La critique génétique: une discipline nouvelle ou un avatar moderne de la philologie?” *Genesis*, I. (Paris), CNRS, 1992
25 BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 221.
26 Enciclopédia Einaudi. Vol. “Memória”.

O manuscrito, belo e valioso, objeto único, marcado pelo autor, “entidade que não mais existe” o manuscrito não deve ser fetichizado. É ele um documento.

Por isso, por ser um documento, que etimologicamente “ensina” (mesma raiz de *docere*, *doc*) e por estar tão sujeito a interpretações, ele pode ser rapidamente transformado em monumento. “*O que transforma um documento em monumento é sua utilização pelo poder*” (P. Zumthor *apud* Le Goff).

“O documento não é inócuo. É antes de mais, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também de épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.”²⁷

Graciliano não era uma estátua, mas um companheiro, um igual, todos envolvidos no risco da militância clandestina. (Jacob Gorender)²⁸

Analisar as etapas sucessivas de trabalho, numerosas intervenções, transformações textuais, os diversos aspectos da sua formação, seu erigir-se enquanto texto literário — amplia extraordinariamente a perspectiva histórica, humana, de quem se debruça sobre o trabalho criativo de um escritor. Tal objeto de pesquisa, um outro acesso para os estudos literários, constitui-se, cresce e aprofunda raízes, tornando-se mais nítido seu lugar entre os estudos literários brasileiros ²⁹.

Suporte material do texto, prossegue Almuth Grésillon, o manuscrito *testemunha*.

O manuscrito literário testemunha: a arte de escrever dos ‘grandes escritores’ sua maneira, nunca igual a nenhuma outra, de inscrever, preto no branco, uma parte da elaboração textual; regras e transgressões de um código; invenções e tateios, cognitivos e de linguagem, da criação verbal; o estabelecimento progressivo de um estilo; práticas de escrita individuais e coletivas [...] ³⁰

Podendo trazer materialmente informação ou novidade, o manuscrito possibilita redimensionar o objeto literatura, ajudando a escavar, sob este, o processo de produção literária.

A primeira fase de nosso trabalho consistiu na decifração e na transcrição dos autógrafos e dos textos publicados em jornais e revistas. Paralelamente à transcrição e ao cotejo, procedeu-se à busca, em outras instituições de pesquisa, para

(Trad. Bernardo Leitão e Irene Ferreira).

Porto: Casa da Moeda, 1984.

²⁷ LE GOFF, Jacques.

“Documento/monumento”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Op. cit.

²⁸ GORENDER, Jacob.

“Graciliano Ramos: lembranças tangenciais”. *Revista do Instituto de Estudos Avançados* (São Paulo), nº 23, jan.- abr. 1995.

²⁹ De 1985 a 1999, foram seis encontros internacionais promovidos pela Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário nas universidades brasileiras, em São Paulo, João Pessoa, Salvador, entre outras numerosas iniciativas, como a revista *Manuscrita* e extensa bibliografia.

³⁰ GRÉSILLON,

Almuth. Op. cit., p. 77.

complementação de dados, de recortes mutilados, etc. Em vários recortes, faltavam fragmentos dos textos. Eram recortes do Rio de Janeiro, fundamentalmente, cuja reconstituição se mostrou possível.

Reunimos assim um volumoso conjunto, em parte riscado e emendado. O contato direto com os originais autógrafos possibilitou uma leitura mais nítida, e a distinção das diferentes tonalidades de tinta, que quase sempre atestam diversos momentos da escrita.

Graciliano Ramos só redige a mão. A tinta ou a lápis, os primeiros textos. Os demais, os passados a limpo, sempre a tinta. Passa a limpo várias vezes, assinando apenas aqueles que pondera como aceitáveis.

São 32 publicações de narrativas avulsas, anteriores à primeira edição de 1945. *Impressões da infância*, título impresso nas provas tipográficas. 40 capítulos programados e redigidos — 39 efetivamente publicados. Alguns títulos modificam-se:

— Sombras/ Nuvens

— José/ O moleque José

— As Almas, A família Sabiá / incorporados a Vida nova

— Letras/ desdobrado em Leitura, Escola

— A casa de meu avô/ Meu avô

— História dum cinturão/ Um cinturão

— Emília/ Os astrônomos

— Caveira/ Um incêndio

— Várias personagens/ A vila

— Rosenda/ que parece em Cegueira

— Duas escolas / desenvolvido provavelmente em Adelaide e Um novo professor

— Seu Nuno / personagem de Um intervalo

Finalmente, dois títulos suprimidos, de leitura extremamente difícil:

— [Política?] ou [Políticos?] e

— [Loucos?] ou [Livros?].

Política: embutido no feroz capítulo Fernando.

Se [Loucos], talvez, em Mário Venâncio, referência irônica aos frequentadores da Instrutora Viçosense[?]. Se [Livros], provavelmente refundido em Jerônimo Barreto.

Entre os textos autógrafos, “Minha gata” capítulo excluído³¹, um depoimento sobre a elaboração de *Infância*, prevendo escrita de *Memórias do cárcere*. E, ainda, narrativa para um hipotético 2º volume de memórias, [*Juventude*].

31 [“Era uma gata mourisca, vagabunda e magra, com certeza pertencente á escoria dos telhados, feia e suja, pelada em alguns pontos. Chegou um dia na loja, miando, miando em demasia, a barriga sumida. Deilhe um pires de leite e untei-lhe as patas com manteiga, para que ella comprehendesse que o chão ali era bom [...] Autógrafo a tinta preta. Arquivo GR-IEB-USP. Cf. Dissertação de Mestrado sobre *Infância*, citada, vol. I.

Concretamente, tal linha de pesquisa talvez se aproxime, como nenhuma outra, de um escritor, em possibilidade de revitalização dinâmica de seu trabalho, para que a este se atribua o devido valor de resultado de toda uma existência humana.

Da velha e sólida crítica filológica aos sofisticados e instigantes estudos de gênese textual, ou arqueologia do texto — sejam quais forem as *linhas d'água* ou de pesquisa, que muito acrescentam aos estudos literários, sejam quais forem os tamanhos ou formatos das embarcações — Riobaldo, Fabiano, insetos *sem escape* — a universidade precisa promover o tratamento das águas, se responsabilizar pelo texto, pela sua pureza.

Iluminado pela “*luz das muitas auroras que ainda não se levantaram*” como quer Carpeaux³² — e do “fundo dos tempos”, água da vida, sopra o conselho sempre atual de Walter Benjamin:

“Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela” pois nem os mortos “estarão em segurança se o inimigo vencer” “E esse inimigo não tem cessado de vencer.”³³

32 CARPEAUX, O. M.
“A querela da história literária”. *O Jornal*, Rio de Janeiro. Agradecemos a Zenir Campos Reis esta e outras informações.

33 BENJAMIN, Walter.
Sobre o conceito de História. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985.

Eliane Jacqueline Mattalia é doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.





Vidas secas, filme de Nelson Pereira dos Santos, 1963